

SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL E TEORIA DOS ATOS DE FALA: ESTUDOS SOBRE COMO O CINISMO NA COMUNICAÇÃO POLÍTICA CORROBORA A DETRAÇÃO DE DIREITOS*

NEOLIBERAL SUBJECTIVITY AND *SPEECH ACTS THEORY*: STUDIES ON HOW CYNISM IN POLITICAL COMMUNICATION CORROBORATES THE DETRACTION OF RIGHTS

Lucas de Alvarenga Gontijo**
Adalberto Arcelo***

RESUMO

O presente artigo investiga mecanismos discursivos que propiciam a detração de direitos em razão da subjetividade neoliberal. Portanto se dedica a perscrutar como a comunicação política, sob a *praxis* neoliberal contemporânea, se vale de elementos típicos do fascismo estrutural, aproveitando-se de fragilidades das democracias liberais. Em seu curso, o artigo observa como a extrema direita se vale do cinismo como agir estratégico, a operar por meio de uma racionalidade de duplo nível, isto é, construindo, propositalmente, desentendimento e assim desestabilizando as condições de possibilidade de comunicação no espaço público. A discursividade neoliberal, para além de erodir pautas de debate sobre direitos sociais e fundamentais, se dedica a atomizar e a desagregar as organizações civis da sociedade, como, por exemplo, os sindicatos e entes de proteção a direitos coletivos e sociais. Portanto, a estratégia do artigo se dedica a investigar a teoria dos atos de fala, a postular que os atos de linguagem são sempre perlocucionários, como havia postulado John Austin. O uso do cinismo no discurso político distorce procedimentos de justificação ao tentar conformá-los a interesses que não podem ser revelados. Por meio da desterritorialização e da fragilização dos códigos de inteligibilidade, a comunicação pública se desarticula. A hipótese defendida no artigo é que para que uma comunidade política imponha drásticos esforços de acumulação de capital e assujeitamento da maioria de seus membros a condições precárias de vida é preciso a construção de mecanismos de subjetivação capazes de colapsar a organização social. Considerando que os sistemas de comunicação em massa produzem assimetrias em que a demagogia pode operar impune, detectam-se vantagens para aqueles que dominam mecanismos de distribuição da informação e assim construtos ideológicos podem ser edificados. O método usado no artigo, para além da revisão de literatura, é o crítico reflexivo.

PALAVRAS-CHAVE: cinismo; *fake News*; atos de fala; neoliberalismo; fascismo.

ABSTRACT

This article investigates discursive mechanisms that favor the with drawal of rights by the neoliberal subjectivity. Therefore, it is dedicated to scrutinizing how political communication, under contemporary neoliberal praxis, makes use of typical elements of structural fascism, taking advantage from the weaknesses of the current liberal democracies. In its way, the article observes how the extreme right-wing makes use of cynicism as a strategic action, operating through a double-level rationality, that is, purposefully building misunderstanding and thus destabilizing the conditions for the possibility of communication in the public space. Neoliberal discourse, in addition to eroding debate agendas on social and fundamental rights, is dedicated to atomizing and disaggregating civil society organizations, such as, for example, worker's unions and entities that protect collective and social rights. Therefore, the article's strategy is dedicated to investigating the theory of speech acts, to postulate that speech acts are always perlocutionary, as John Austin had postulated. The use of cynicism in political discourse distorts justification procedures by trying to conform them to interests that cannot be revealed. Through deterritorialization and the weakening of intelligibility codes, public communication dismantles. The hypothesis advocated in the article is that for a political community to impose drastic efforts to accumulate capital and subject most of its members to precarious living conditions, it is necessary to build subjectivation mechanisms capable of collapsing social organizations. Considering that mass communication systems produce asymmetries where demagoguery can operate unpunished, advantages are detected for those who dominate information distribution mechanisms and thus ideological constructs can be built. The method used in the article, in addition to the literature review, is the reflective critic.

KEYWORDS: cynicism; *fake News*; speech acts; neoliberalism; fascism.

* Artigo recebido em 08/08/2023 e aprovado para publicação em 12/11/2023.

** Doutor e mestre em Filosofia pela UFMG. Professor da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Direito da PUC Minas e professor titular de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito Milton Campos (FDMC). E-mail: alvarengagontijo@gmail.com.

*** Doutor e mestre pela UFMG. Professor adjunto da Faculdade Mineira de Direito da PUC Minas. E-mail: adalbertoarcelo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Esta proposta dedica-se a refletir sobre o falso processo de transmissão de informações reproduzido pela grande mídia, que culmina na promoção de subjetividades autoritárias. Sustentamos que pretensas interações linguísticas e discursivas que fundamentam e sustentam a formação do consenso e, conseqüentemente, da normatividade, não passam de artifícios decorrentes das categorias retóricas da demagogia e do cinismo. A manipulação discursiva por meio da demagogia e do cinismo, nesse contexto, culmina em dispositivos de subjetivação e de normalização social, nutrindo discursos e performances fascistas ao identificar virtude e dignidade com qualidades próprias da subjetividade neoliberal – individualista, consumista, proprietária, racializada e patriarcal.

Com o escopo de contribuir para o debate acerca das múltiplas causas das estratégias de assujeitamento decorrentes do uso constante de falácias, *fake News* e outras formas de distorção da verdade por parte de agentes políticos de extrema direita, procuramos perscrutar os efeitos práticos da hipocrisia e da violência discursiva usadas em campo político para manipulação dos cidadãos/eleitores. A hipótese é a de que o cinismo, a hipocrisia, a demagogia e a violência discursiva, na macropolítica, são funcionais para a manutenção de uma crise estrategicamente articulada pelo neoliberalismo.

O horizonte atual de ampla desconstituição de direitos e garantias, considerando-se a sociedade brasileira contemporânea, é sustentado por uma estratégia retórica com efeitos conscientes e planejados. O cinismo contribui para formação da sociedade da insegurança, caracterizada pela instabilidade das relações sociais e contribui para o aumento da anomia generalizada na esfera pública. Dessa forma, buscar-se-á compreender o uso constante de *fake News* e o uso reiterado do cinismo na comunicação política, de modo a contribuir para o alargamento da erosão de códigos e valores sociais como estratégias deliberadas de se fazer política.

Atos de discurso aparentemente absurdos, quase sempre marcados por uma afronta aos direitos humanos, produzem efeitos midiáticos colaterais, formando contundentes fatos de discurso. Trata-se de atos orquestrados a efetivar estratégias retóricas, a valerem-se de racionalidades de duplo nível, propiciando-se, assim, a desestabilização do espaço público. Esses fatos de discurso têm por finalidade performarem efeitos inebriantes, isto é, atuam como cortinas de fumaça a desestabilizar as pautas públicas. Por fim, demonstraremos que tal tática discursiva não é recente ou derivada da alta conectividade virtual das três últimas

décadas, mas guarda estreita semelhança com as práticas fascistas, colocadas em curso na Alemanha e na Itália nas décadas de 20 e 30 do século XX.

1 RELAÇÕES ENTRE A DETRAÇÃO DE DIREITOS E ASCENSÃO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS CÍNICAS

Este ensaio decorre de investigações dedicadas a compreender o desmantelamento dos direitos sociais provocado pelos avanços da extrema direita no âmbito global. Não se pretende, entretanto, no desenvolvimento das linhas que seguem, abrir perspectiva geral da crise política em que diversos países e o Brasil em especial se meteram, muito menos traçar diagnóstico da sociedade contemporânea. Pretendemos contribuir para o debate que muitos pesquisadores das ciências sociais e do direito têm travado sobre as múltiplas causas da iminente crise política decorrente do uso constante de falácias, cinismos, hipocrisias, demagogias e violências discursivas, usados quase sempre por atores políticos localizados no quadro ideológico da ultradireita.

Nossa primeira hipótese antecipa-se de pronto: a falácia, o cinismo, a hipocrisia, a demagogia e a violência discursiva na macro e micropolítica são funcionais para a manutenção de uma crise estrategicamente articulada pelo neoliberalismo. Isto é, tratar-se-á da relação existente entre essas categorias e a ordem econômica neoliberal, de modo a compreender suas interações, e porque se supõe que há uma estratégia retórica em curso. A segunda hipótese a ser sustentada terá espaço na conclusão e se relaciona com a abertura que as democracias liberais guardam com a potência fascista.

Doravante, em vez de usar desses cinco conceitos justapostos a que o artigo se refere, usar-se-á apenas da terminologia cinismo a representá-las. O cinismo contribui para a formação da sociedade da insegurança, caracterizada pela instabilidade das relações sociais, pela liquidez de suas estruturas e, sobretudo, pelo fomento à anomia. Dessa forma, buscar-se-á compreender o uso constante de *fake News* e da fragilização de códigos e valores como estratégias deliberadas que se tornaram modo de se fazer política.¹

É possível afirmar que se trata de uma forma crescente de se ocupar o espaço político. Nesse sentido, tem-se criado uma considerável literatura a respeito, como os livros de Steven

¹ Isso tem sido e foi largamente percebido em ações públicas de chefes de Estado de ultradireita, alguns já afastados, outros ainda eminentes, mas a exemplo Donald Trump (EUA), Benjamin Netanyahu (Israel), Mateo Salvini (Itália), Jair Bolsonaro (Brasil), Sebastián Piñera (Chile), Tayyip Erdoğan (Turquia), além de movimentos supremacistas e partidos políticos extremistas que se viram dilatados recentemente.

Levitsky e Daniel Ziblatt, sob o título de *Como as democracias morrem* (2018); ou *Como a democracia chega ao fim*, de David Runciman (2018); *A morte da verdade* de Michiko Kakutani e inúmeros outros trabalhos publicados nesse sentido, muitos deles latino-americanos, a engrossar a literatura sobre a relação entre pós-verdade e a precarização da democracia.

Posturas negacionistas ou conspiratórias como a suposta ineficiência/perigo das vacinas, ou a suposição de que o aquecimento global é uma conspiração comunista, ou afirmações estapafúrdias como a de que o nazismo foi um movimento político de esquerda, crença em terraplanismo, afirmações de que não houve ditadura no Brasil entre 1964-85, ou até mesmo o movimento ‘birther’, a insinuar que o ex-presidente estadunidense Barack Obama teria nascido na Etiópia e faria parte de uma conspiração internacional para destruir os EUA, não são apenas atos insanos, oriundos de mentes superficiais ou confusas. São atos estratégicos político-midiáticos que, por meio de racionalidades de duplo nível, valem-se da perturbação do espaço público por meio do cinismo, enfim, da demagogia em sentido amplo.

Que motivações existiriam para que essa prática específica de se fazer política ganhasse projeção global? As causas não podem ser definidas com objetividade, mas favorecem o neoliberalismo. Levando-se em consideração que o capitalismo fomenta propositalmente a existência de crises econômicas, sociais e políticas para levar a efeito reformas de seu interesse, de modo a desobstruir as eventuais barreiras que o debate público possa erguer, a estratégia dessas posturas políticas consiste exatamente na construção de cortinas de fumaça e na instauração de estados de anomia política a desorganizar as pautas públicas, muitas vezes a levar a efeito o que Colin Crouch (2004) observou sob a nomenclatura pós-democracia.

Mais adiante ainda será possível vislumbrar que a existência de crises e instabilidades econômicas possibilitam às forças neoliberais excluir biopoliticamente classes de trabalhadores mais fragilizadas da arena política de reivindicações, de modo a perpetuar ou intensificar formas de exploração. Desarticular as formas de resistência ao capital é, por outro lado, o que subjaz do advento do fascismo no século XX, como demonstraremos na parte conclusiva deste trabalho.

Considerando que o capital tira proveito das crises políticas, identificar e analisar as novas formas de sua reprodução e, com efeito, novos mecanismos de exploração que se articulam no interior da sociedade pode contribuir para frear seu avanço, muito acelerado nos últimos anos. A sociedade organizada, atônita pela incomunicabilidade produzida pelo poder

político central, ausenta-se de mobilização e politização, abrindo caminho para o niilismo político em que prospera o neoliberalismo.

A aparente esquizofrenia da cúpula do poder político propicia o esvaziamento da participação popular e das construções coletivas de governo. O desmonte do espaço público deixa os caminhos abertos para a governamentalidade² capitalista, neoliberal, focada em atomizar e desagregar as organizações civis da sociedade, como por exemplo os sindicatos e entes de proteção de direitos coletivos e sociais. Todo esse processo contribui para o desmantelamento do Estado de Direito, e com ele dos direitos e garantias econômicos e sociais.

2. DISCURSIVIDADE DE DUPLO NÍVEL, PORNOGRAFIA E MENTIRAS FUNDAMENTALISTAS

Vladimir Safatle, no livro *Cinismo e falência da crítica* (2008), recorda que Sigmund Freud abriu perspectivas para se perscrutar como se reage ao mundo a partir da tese de que o indivíduo é formado por desejos coletivos. Logo, o coletivo estaria presente nos desejos individuais, a moldá-los. O humano não é, com efeito, como supunha a *filosofia da consciência*, um ser racional autônomo, mas formado por subjetivações decorrentes de complexidades afetivas sobre as quais não se tem controle. Daí ser necessário levar em conta todos os desejos, ocultos ou não, todas as múltiplas versões, inversões, aversões, subversões, distorções e perversões que qualquer indivíduo guarda consigo, como se íntimas e exclusivas fossem. Por outro lado, a perversão se funda na ausência de convicções profundas, sobretudo na confusão, no desentendimento, nas situações limites. O discurso cínico usa exatamente dessas fissuras, por assim dizer, abertas pela razão esclarecida, considerando-se o recorte analítico de uma dialética do esclarecimento.

Por isso, pode-se afirmar que os *atos de fala* de muitas personalidades políticas têm se apresentado eivados de imoralidade, propositalmente. Pois decorrem de orientações deliberadamente escolhidas e articuladas. A buscar uma terminologia para servir de esteio a este artigo, designar-se-ão esses *atos de fala* por atos pornográficos. A pornografia é um ato imoral, obsceno, ultraje ao pudor³. Por efeito de sua violência, desconcerta e rompe a possibilidade de interação. É, portanto, um ato estratégico, capaz de confundir a pauta de

² Expressão cunhada por Michel Foucault, que vem a significar governar pelo e para o mercado. Curso do Collège de France, 1977-78, aula de 1º de fevereiro de 1978, *Securité, territoire et population* (Foucault, 2004).

³ A palavra, etimologicamente, vem do grego arcaico, *pornè*, prostituta.

temas verdadeiramente importantes ou deslocar o debate para onde ele não seria necessário ou devido.

Pois bem, dentre os atos de fala encontra-se a categoria nominada cinismo, que consiste em uma espécie do gênero demagogia. Com efeito, tanto o cinismo como a demagogia são racionalidades de *duplo nível*. As racionalidades de duplo nível, nesse sentido, constituem atos de fala em que a manifestação não obedece ao jogo de linguagem responsivo que possibilita a comunicação (a interação dialógica), mas, ao contrário, o ignora a produzir um efeito específico: um dissenso sorrateiro, uma dissimulação, uma cortina de fumaça que esconde o que de fato está em questão. O cinismo é um ato de fala mascarado, hipócrita, isto é, que não se revela. Por isso duplo nível, pois há, ao menos, uma intenção oculta.

O cinismo não se confunde com a ironia, por exemplo. A ironia é raciocínio de único nível, pois a pretensão do proponente é criar intersubjetividade e não confusão. O irônico não quer esconder sua posição, ele a explicita por meio de uma figura de linguagem, porque põe ênfase na dimensão absurda ou surreal de sua fala. A ironia não pode ser entendida como pilhéria, não há má-fé. Por isso se mostra, muitas vezes, como humor. Quando a ironia se revela ríspida ou rancorosa, ela está próxima do sarcasmo ou até mesmo do escárnio, que por sua vez são expressões cáusticas, nunca dissimuladas ou somente aparentemente dissimuladas.

Por outro lado, o gênero demagogia, categoria da qual o cinismo é espécie, tem por efeito fingir, dissimular, portanto são tipos de mentira. Por exemplo, comemorar a ditadura civil-militar de 1964-85, que o Brasil lastimavelmente atravessou com todo seu passivo de mortos e torturados, é imoral. Para se dissimular a imoralidade/perversidade age-se de forma cínica. Portanto, a hipocrisia ou o cinismo na política é uma forma de se fazer demagogia. Sem embargo, no livro *A política*, Aristóteles (1960) dispõe que a demagogia é uma forma de corrupção da democracia⁴.

Entretanto, a demagogia é uma forma torpe mas eficiente de se fazer proselitismo. Quando Donald Trump anunciava que iria acabar com o comunismo nos EUA, ou Jair Bolsonaro, em seu discurso de posse como presidente da república brasileira, disse que o comunismo nunca mais tomaria ao poder no Brasil, não se tratava de meras ideias irreais a

⁴ Vera Alice Cardoso (2018, p. 56) narra que na Atenas do século V a.C. os chamados de demagogos não eram aqueles que queriam enganar, mas tão somente o nome que se dava para os formadores de opinião. A democracia grega, como se sabe, criava regras de conduta por decisão majoritária obtidas nas Assembleias Gerais. Demagogos eram aqueles que defendiam a opinião minoritária e resistiam ao consenso geral. Somente mais tarde, no século IV a.C., no período pós-sofístico, que esse conceito passou a ter caráter tendencioso, instaurando-se a ideia de que demagogo é aquele que engana, que age imbuído de má-fé.

observar-se que tanto no Brasil quanto nos EUA nunca ocorreram regimes comunistas, sequer socialistas. Essa premissa se aplicaria, no continente americano, apenas a Cuba. Mas por que afirmar algo tão irreal? Não faz sentido, de fato, no plano imanente histórico, mas esses líderes políticos não discursam para mentes em busca de imanência, seus discursos têm pretensão de comunicar em uma segunda dimensão, em que evidências não são necessárias, em que o onírico pesa mais. Eis aí a causa para se reiterarem tais discursos, e reside exatamente aí o núcleo a ser explorado neste artigo. Vale a pena, contudo, explorar mais alguns discursos similares que contêm racionalidades de duplo nível.

Por que os partidários da nominada “Escola sem Partido” insistem em dizer que a principal mazela do Brasil é a doutrinação comunista? Bandeiras como essa estão alinhadas a um aparato de desinformação muito mais complexo, pois quando instalada a neurose da suposta ameaça, a razão fica suspensa. A disseminação e até a idolatria de alguém medíocre como o autodenominado filósofo Olavo de Carvalho se faz possível. A expressão cunhada como ‘olavismo’ indica uma predisposição em se alardear teses sem quaisquer fundamentos empíricos ou mesmo racionais. É claro que se trata de teses débeis, e que a ascensão do autodenominado filósofo é absurda tanto quanto improvável. Por detrás da produção de pós-verdades há interesses recônditos a se articularem. Em outra mão, a ampla disseminação de *fake News* tem sido coordenada com a expansão dos *thinkthanks*, isto é, agências de (des)informação parciais, aliadas à doutrinação religiosa ultraconservadora, a dar suporte tanto à destruição de personalidades políticas como também a apoiar os políticos de seu interesse. O motor de todo esse processo de desestabilização do debate público é o avanço estratégico do neoliberalismo. Mas há que dar ênfase ao fato de que todo esse processo passa por estratégias de dissimulação, a exemplo que os *thinkthanks* operam ocultando suas pretensões políticas, de modo a gerar pseudonotícias, a exercer um jornalismo tendencioso e pretensamente imparcial (Vazquez Ortiz, 2018, p. 84-93). Essas agências são financiadas por grupos empresariais que cooptam jornais e jornalistas, criam fatos de discurso, promovem e financiam agitadores políticos e movimentos sociais que aparentemente teriam sido articulados espontaneamente no tecido social dos países em que atuam.

É preciso levar em conta que movimentos dessa natureza comungam infraestruturas testadas nas experiências do fascismo na Itália ou no nazismo alemão. Consiste em construir inimigos públicos e acionar sistematicamente a população a reagir como efeito de supostas ameaças emergentes. Cria-se a sensação de um perigo a ser combatido – algo que não pode

esperar –, de modo que os fanatizados na causa permanecem acionados permanentemente. Nesse sentido também observou Hannah Arendt (1997) no livro *A origem do totalitarismo*.

2.1 TEORIA DOS ATOS DE FALA, CINISMO E RUÍDOS ALIENANTES

As teorias dos *atos de fala* foram objeto de amplo debate na academia europeia e americana nos anos 50 e 60 do século XX. A partir do impacto teórico do que se convencionou chamar de *Segundo Wittgenstein*, isto é, a publicação do livro *Investigações filosóficas* (1975), autores como John L. Austin, a partir de obras como *How to do things with words* (1962) ou *Philosophical papers* (1970) e John Searle, com obras como *Speech acts* (1996) ou *Intentionality* (1983) ocuparam o palco central das discussões sobre linguagem.

A teoria da linguagem ocidental, de maneira geral, até John L. Austin, acreditava que as sentenças tinham caráter declarativo, isto é, designavam situações de fato. Nessa perspectiva, a linguagem humana teria função tão somente designativa. Contudo, ao perceber que o sentido da linguagem se constrói a partir de seus usos, Austin interpõe que os atos de fala têm efeito performativo, isto é, a linguagem não descreve fatos, mas os cria. Ele atenta para a questão de que nem sempre a pergunta deve ser se a constatação é verdadeira ou falsa, mas em que condições a ação do emissor da fala se realiza. A partir daí Austin instaura a *teoria dos reverses*, isto é, se os atos performativos lograram ou não êxito. Nesse sentido, cabe a explicação de Manfredo Oliveira (1996, p. 153), ao dispor sobre a teoria austiniana, de que “os atos constatativos, com os quais se fala do mundo, são verdadeiros ou falsos de acordo com a correspondência ou não a estados de coisas em questão; os atos performativos, por sua vez, são felizes ou infelizes (*happy* ou *unhappy*) na medida em que as condições para sua realização são cumpridas ou não”.

A mentira é um ato de fala sem respaldo no mundo real, mas ainda assim pode ser um ato de fala que produz efeitos no mundo. O emissor se faz entendido, manipula a subjetividade alheia e logra conduzir ações decorrentes de seus atos.

O que se denomina, neste artigo, de ‘olavismo’ consiste em uma postura coletiva que logra interação comunicativa a partir de um jogo discursivo que se compõe de afecções reacionárias. Trata-se de uma falsa ilustração porque o *youtuber* Olavo de Carvalho se faz passar por intelectual, utilizando-se de pressupostos da racionalidade científica, como o referenciamento a vários autores e pretensa coerência baseada em relatos e informações (sem qualquer comprovação), de modo a produzir o que o seu discurso tem por finalidade: a

manipulação da (inter)subjetividade. Não há, então, intersubjetividade, mas cooptação da subjetividade alheia e ocultação estratégica da própria subjetividade. Assim se completa o ciclo necessário para difusão de uma pretensão discursiva, como complementa Manfredo de Oliveira (1996, p. 154): “Os atos que executamos por meio dos enunciados performativos executam ações convencionais, ou seja, são executados na medida em que cumprem normas intersubjetivamente estabelecidas”.

Para Austin existem, a princípio, três tipos de atos de linguagem, os atos locucionários, isto é, dizer algo; atos ilocucionários, isto é, aquilo que é executado por meio da fala, a intenção; e os atos perlocucionários, aquilo que consiste na ação de fala. As investigações de Austin o levaram a concluir que todos os atos de fala são perlocucionários, porque mesmo quando se constata algo, ainda assim se está a agir no mundo por se enfatizar algo que se pretende comunicar.

Passa-se, neste momento, a uma problematização dos atos de fala que trazem racionalidades de duplo nível, isto é, atos de fala cínicos ou que portam insinceridade, que distorcem ou ocultam a intencionalidade do emissor.

O cinismo, para Vladmir Safatle (2008, p. 13), “seria aquele [ato de fala] que distorceria procedimentos de justificação ao tentar conformá-los a interesses que não podem ser revelados”. Seria, portanto, na perspectiva desse autor, uma imoralidade travestida de moralidade.

Por outro lado, o cinismo quebra a lealdade de propósitos necessária na conversação. Ou faz pior: o cinismo rompe a possibilidade de racionalidade porque tira o foco daquilo que deveria ser tematizado, a levar a concentração do interlocutor a uma confusão discursiva. Portanto, o cinismo rompe com as regras, as crenças, com os valores a partir dos quais os agentes de uma conversação constroem suas interações. O cinismo rompe com a intersubjetividade.

Sem embargo, a emergência das racionalidades de duplo nível vale-se das crises, elas são férteis quando há a erosão dos valores sociais. Erosão das crenças que fiam o entendimento moral de uma comunidade. Constroem, portanto, lacunas de legitimidade.

Um ato fala de duplo nível é, com efeito, um paradoxo – forças contrárias que atuam dentro de um mesmo sistema. Um paradoxo não se confunde com uma antinomia, porque a antinomia consiste em normas contrárias, mas que não têm a mesma base, a mesma fonte. No paradoxo, a força que almeja um fim é também a mesma que impede atingir este mesmo fim. Ter-se-ia, no paradoxo, uma tensão oponente dentro da mesma intenção. Não são

propriamente estruturas normativas duais, mas contradições dentro de uma mesma estrutura. Isso é muito comum para o campo psicológico. Freud dispôs isso muito bem, ao demonstrar que o consciente se alinha no subconsciente e vice-versa.

No paradoxo, assim como no cinismo, há uma norma reguladora explícita, que pode ser mostrada e sobre ela todos moralmente podem se fiar, mas há uma lei implícita, que precisa ser ocultada, embora nela muitos se apoiem ou a desejem. Se, acompanhando Freud, o humano é formado por esses desejos coletivos, paradoxais, o cinismo é o outro lado de uma racionalidade sempre presente, a assombrar a razão humana. Em âmbito humano é possível agir em decorrência de complexidades subjetivas das quais não se tem absoluto controle. Daí ser necessário levar em conta as perversões múltiplas que qualquer indivíduo guarda dentro de si, como a misoginia, o racismo, a violência, a homofobia e tantas outras. Um político de grande importância pública como um presidente da república, seja no Brasil, seja em qualquer país do planeta, a agir de forma pornográfica, imoral, abre a *Caixa de Pandora* do inconsciente coletivo e instaura uma crise de comunicação e de sinceridade favorável à anticomunicação, campo fértil à erosão dos valores sociais, e isso, definitivamente, favorece uma subjetividade que se desenvolve exatamente a partir da erosão de valores sociais: a subjetividade neoliberal (Gontijo; Bicalho, 2019).

Na terceira parte deste artigo tentar-se-á demonstrar que o neoliberalismo necessita, para seu avanço, de ocultar suas reais intenções, porque é imoral. Ao mesmo tempo, precisa arrebatrar a opinião pública a seu favor, por isso age de maneira dissimulada, optando por confundir e impedir a tematização dos assuntos que realmente deveriam ocupar o debate público. Essa pretensão política, embevecida de passionalidade, foi experienciada no fascismo histórico tanto italiano como alemão.

3. ANOMIA, ROMPIMENTO DA INTERSUBJETIVIDADE E NEOLIBERALISMO

Antes da publicação da obra *Theory of communicative action*, Jünger Habermas havia publicado um estudo sintético sobre as condições e possibilidades do entendimento mútuo sob o título de *Was heisst Universalpragmatik?* (Que é pragmática universal?) que, por sua vez, fora originalmente publicado numa coleção organizada por Karl-Otto Apel⁵. Em síntese,

⁵ A tradução desse artigo para a língua portuguesa compôs uma coletânea que recebeu o nome de Racionalidade e Comunicação, publicado em 1996 (Habermas, 1996).

Habermas analisa, nesse texto, os pressupostos gerais da ação comunicativa, isto é, as condições normativas para se chegar a um entendimento.

Para este autor, as ações comunicativas sociais se diferiam, de início, entre ações comunicativas e ações estratégicas; enquanto as primeiras estão orientadas para o entendimento, as últimas têm por efeito a manipulação e a comunicação sistematicamente distorcida. As formas de manipulação ou distorção têm o manipulador agindo deliberadamente de forma pseudoconsensual.

Considerando que todo discurso travado entre falantes pressupõe regras mínimas – o que Habermas havia denominado por *base de validade do discurso* – é preciso que os dialogantes se comprometam com algumas condições pressupostas de quem dialoga: a) enunciar de uma forma inteligível; b) dar (ao ouvinte) algo que este compreenderá; c) fazer-se a si próprio, desta forma, entender; d) atingir o seu objetivo de compreensão junto de outrem.

Portanto, se é preciso fazer algo inteligível a si próprio e a outrem, o falante deve se comprometer, em primeira mão, com a verdade, isto é, com uma proposição que seja verdadeira (*wahr*), ou exprimir suas intenções de uma forma verdadeira (*wahrhaftig*). Como dispõe o próprio Habermas (1996, p. 12): “o falante deverá escolher um discurso que esteja correto (*richtig*) no que o ouvinte possa aceitá-lo e que ambos possam, nesse discurso, concordar mutuamente no que toca a uma base normativa reconhecida”.

É fundamental notar que a verdade nucleia toda possibilidade de entendimento sincero. Quando a ação é estratégica, é também imoral. A insinceridade é uma falta moral, salvo quando houver coação. Naturalmente, a ação aferirá níveis variáveis de gradação de má-fé de seu propositor. Mentir inescrupulosamente em âmbito macropolítico – mentir para todo um povo – é algo banalizado apenas sob a perspectiva fascista.

A intersubjetividade para a humanidade é fundamental. Quando não há intersubjetividade, não há valores e crenças comuns. Essa conjuntura favorece a anomia. É exatamente sob a sombra da anomia que a demagogia cresce. O capitalismo de consumo, isto é, o capitalismo pós-industrial (pós anos 1970), também chamado de capitalismo avançado (uma das modalidades de entendimento do que vem a ser neoliberalismo) tem contribuído para a consolidação da anomia, este é um fator a ser considerado. Mas para além do efeito de anomia do neoliberalismo, tais dinâmicas de subjetivação têm propiciado o aparecimento de líderes políticos ou religiosos que se valem da erosão dos vínculos sociais em seu benefício.

Deleuze e Guattari, no *Anti-Édipo* (1976), mostram que o capitalismo não se instala por meio de códigos, mas socializa o desejo por meio da desterritorialização e da fragilização

dos códigos de inteligibilidade. Autores da primeira geração de Frankfurt, como Adorno, Horkheimer e Marcuse, depois complementados por autores das múltiplas escolas críticas francesas, como Lyotard, Foucault, Rancière e Merleau-Ponty, se ocuparam da dinâmica funcional dos modos de reprodução econômicos.

Para que o mundo se dedique à acumulação de capital e ao assujeitamento da maioria da população a condições precárias de vida é preciso a construção de mecanismos de subjetivação capazes de desarticular a organização social. É preciso cooptar as formas de comunicação social. Se isso não for possível, que se impeça que a comunicação sincera aconteça. A inverdade, a insinceridade avançam a corromper as condições de possibilidade de entendimento.

Em outras palavras, isso só é possível com a cooptação da subjetividade e, como o neoliberalismo não tem fundamentos racionais para sua estruturação, resta a ele lograr dismantelar a possibilidade de entendimento das comunidades políticas organizadas. Daí o cinismo ser tão eficiente em sua função de desorientar o entendimento e consequentemente de organização social.

O cinismo, ainda sim, é forma de interlocução, pois tem efeitos perlocucionários, mesmo que recônditos. As sociedades fundam “padrões desejados de racionalidade”, que se encarnam (realizam) nas instituições, condutas valorativas e hábitos (Safatle, 2008, p. 12). O racismo, o individualismo, a xenofobia, a misoginia, a homofobia também são códigos partilhados, desejados. Mas são desejos inconfessos.

Os padrões cada vez mais sofisticados de objetivação da subjetividade reproduzidos pela indústria cultural implantam pensamentos, sentimentos e desejos que tendem a reproduzir o perfil de personalidade autoritária – totalitária, fascista – que reflete a “trupe de horrores” que, a partir de uma série de golpes que prepararam a ascensão de muitos líderes e partidos de extrema direita no mundo recentemente. Esse padrão cínico de governamentalidade – bio-necro-político – está ramificado em toda sociedade que os elege. Isso explica o fato de que a extrema direita não tem ascendido ao poder por golpes de Estado, mas regularmente, como aconteceu nas experiências nazista alemã e fascista italiana.

Daí a inadiável necessidade de se romper com o padrão de discursividade cínica e pelear pela retomada de dinâmicas democráticas, marcadas pela apropriação de narrativas de base popular, ou seja, pelas subjetividades coletivas minoritárias, solidárias e inclusivas.

CONCLUSÃO

Por ocasião do quarto aniversário da tomada do poder pelos fascistas na Itália, Evguiéni Pachukanis publica um artigo intitulado *Para uma caracterização da ditadura fascista*. Este foi o primeiro de outros quatro a serem publicados entre 1926 e 1934⁶. O autor russo acompanhou os desdobramentos políticos levados a efeito na Itália. O artigo deixa transparecer que Pachukanis sabe perfeitamente em que o fascismo consiste: busca sem qualquer escrúpulo pelo poder e nada além disso. Registra que o partido fascista havia promovido o total estrangulamento da oposição no país, inclusive com a introdução da pena de morte – mesmo que de maneira extraoficial. Empreende perseguição do partido comunista e dos movimentos operários. Vale-se da violência, quase sempre à revelia da lei e logra desarticular ou colapsar quaisquer possibilidades de oposição.

O discurso fascista produz, de forma acelerada, uma série de mensagens e sinais paradoxais de modo a confundir o povo italiano. Há, por detrás do movimento, uma miríade de simbologias contraditórias, recortadas de diversas bases ideológicas, que são lançadas como proposições elípticas da subjetividade fascista mas, sem nenhum constrangimento, logo depois elas são negadas como se nunca tivessem sido usadas. Como se expressa Pachukanis (2020, p. 27), “não se pode, porém, dizer que todas essas tentativas de cobrir a ditadura fascista com o manto filosófico foram especialmente bem-sucedidas. Na verdade, a ideologia fascista se caracteriza pelos seguintes traços não filosóficos: primitivismo, uma variedade de apropriações – daí o caráter mosaico – e, finalmente, a contradição”.

Aos poucos, ao bom intérprete, o que estava por detrás da ação fascista se descortina: a promoção do capital financeiro. Mas, para isso, fora preciso mobilizar a classe média, como se para eles esse sistema político servisse. Porque o fascismo “não é uma ditadura da pequena burguesia nem de grandes proprietários de terra, mas uma ditadura dos grandes industriais e do capital financeiro” (Pachukanis, 2020, p. 26), como sustenta o autor.

O fascismo é a busca pelo poder a qualquer custo, ou ainda, o fascismo não é nada mais que a simples busca do poder. “O ponto característico consiste no fato de que a organização fascista, desde o início, se orienta na luta pelo poder, e ademais na luta por todos os meios, incluindo aqueles que violam diretamente a legalidade existente” (Pachukanis, 2020, p. 33). Coincide exatamente com o diagnóstico sustentado por Hannah Arendt, quando

⁶ Os quatro artigos encontram-se reunidos em uma edição nominada *Fascismo*, sob a curadoria de Alyson Mascaro, editada pela editora Boitempo (Pachukanis, 2020).

escreve *Origens do totalitarismo*, nos anos cinquenta do século XX. Para ela, os movimentos totalitários são gestados paralelamente às democracias liberais. Mais precisamente, Arendt (1997, p. 362) chega a afirmar que “os movimentos totalitários usam e abusam das liberdades democráticas com o objetivo de suprimi-las”.

A lograr destruir o entendimento, os sistemas totalitários procuram dismantelar agremiações sociais de caráter político e profissional. Ao desarticular qualquer meio da sociedade organizada, o movimento autoritário que, por sua vez não é uma agremiação de entendimento, mas uma agremiação hierárquica rígida, lacunosa e silenciosa, ocorre a atomização generalizada da comunidade.

Naturalmente, o que gera a atomização é, fundamentalmente, o capitalismo. O nazifascismo surgiu e se beneficiou da atomização, da anomia. Mas passa a retroalimentar esses mesmos fenômenos. “A atomização social e a individualização extrema precederam os movimentos de massa [...]”, preconizou Arendt (1997, p. 366); ou ainda, “a verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada”.

Assim como nos anos 20 e 30 do século XX, os líderes da extrema direita contemporânea valem-se dos mesmos artifícios: manifestações despidoradas e contraditórias; uso do falacioso, do chauvinismo e, ainda, ataque aos opositores, mesmo que esses precisem ser inventados.

Os movimentos chamados de extrema direita não são propriamente algo compatível com o liberalismo político, mas sua destruição. O que existe, nessas plataformas políticas, não é mais que o produto da decomposição da ideologia liberal, a fazer uso de meios ilegais em exercício de direito penal do inimigo (Jakobs, 2009), a colocar abaixo o *establishment* de Estado. Usam da classe média a mobilizá-la sem que ela possa realmente se politizar, pois se cercam de apoio fanático a legitimar suas agressões à oposição. Pachukanis chega a citar o sociólogo elitista alemão Robert Michels, que viera a se tornar membro do partido fascista italiano:

Michels denominou ‘luta de classes ao contrário’, ou seja, o desejo das camadas médias de retornar à antiga e mais segura posição, a superioridade sobre o proletariado. A exasperação da pequena burguesia e da intelectualidade de centro contra os operários constituiu, ainda, a base por meio da qual o fascismo pôde estabelecer sua primeira célula. No futuro, esse movimento deveria inevitavelmente fechar com a ultrarreação, com os proprietários, com grupos monarquistas e com o capital financeiro, formando com estes uma frente única (Pachukanis, 2020, p. 33).

Pois bem, o que é relevante para as conclusões deste artigo é que essa plataforma política opera por meio da comunicação de massa, atualmente comunicação instantânea digital. Wilson Gomes (2018, p. 337) dispõe que “o que torna a comunicação relevante para a democracia não é apenas o fato de ela poder contribuir para a vida democrática, mas também o fato de que ela pode se tornar uma força antidemocrática muito importante”.

Os modos de se fazer política na contemporaneidade têm mostrado que as novas realidades tecnológicas de distribuição descentralizada de informação têm a capacidade de produzir múltiplas narrativas. Mas o perigo não está, certamente, no seu caráter plural, mas na possibilidade de criação de “redes de informação” e consequentes sistemas de formação de opinião sem lastro, em que a demagogia pode operar impune.

Seria ingênuo supor que fatos propiciam seus próprios sentidos. Os sentidos são produzidos pelas narrativas. Impõe-se saber como são distribuídas essas narrativas. Logo, os modos de reprodução da informação são modos de reprodução e assimilação das narrativas.

Considerando que os sistemas de comunicação em massa produzem assimetrias, isto é, vantagens para quem domina mecanismos de distribuição da informação, construtos ideológicos podem ser edificados. Esses sistemas dificultam a verificação ou correção das informações. O cínico não logra o entendimento, mas o agir estratégico; não atinge a intersubjetividade, mas a manipulação. Basta, para ele, cooptar a subjetividade alheia. O cínico objetifica seu interlocutor.

Por outro lado, o excesso de informações faz com que a atenção pública fique surfando em ondas, sem construir elaborações. As sucessivas proposições de temas informativos forçam, na mesma velocidade, o esquecimento deles. Entretanto, os resquícios das informações vão se sedimentando a construir subjetivações. Não obstante, como pondera Wilson Gomes (2018, p. 336), “é razoável admitir que a estrutura de comunicação existente em uma dada sociedade venha a influenciar de forma decisiva suas instituições políticas”.

Ao esboçar alguma síntese sobre o escrito acumulado até aqui, não se pode deixar de tematizar o sentido da racionalidade de duplo nível. São atos de fala mascarados, que não revelam sua intencionalidade. O artigo procurou demonstrar que movimentos políticos que se valem do cinismo ou de violência discursiva estão diretamente alinhados aos processos de desarticulação do entendimento.

Mas é relevante perspectivar que a violência discursiva ou a distorção é ação orientada ao não entendimento. Há evidências históricas de que a postura pelo não entendimento interessa aos movimentos políticos de extrema direita. A pornografia como

forma de discurso foi amplamente constatada nas manifestações nazifascistas. Mas a hipótese central deste artigo se sustenta na conexão de interesses entre o neoliberalismo e o autoritarismo. Da congruência dessas estruturas emergem as forças desagregadoras. É a extrema direita e o extremismo autoritário que tendem a fazer do político um espaço de confusão e de violências discursivas.

Que segmentos políticos atentam ocultar seus interesses? Infere-se que os que se beneficiam da insinceridade ou da violência discursiva (e até física) são os mesmos que procuram romper as condições de entendimento em geral. São aqueles que se beneficiam da erosão dos códigos sociais. Esterilizar as condições de entendimento é o mesmo que se esquivar da verdade. Valer-se das proposições verdadeiras (*wahrs*) ou exprimir-se sinceramente é escolher o discurso correto (*richtig*) no sentido de que os interlocutores possam aceitar ou negar, mas sempre se entender mutuamente, a partir de uma base normativa reconhecida e válida. A preconização das condições do agir comunicativo sob a perspectiva habermasiana-apelliana emergem da alteridade e do respeito. Já os movimentos totalitários, como disposto por Arendt (1997, p. 373), “são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados”. As implicações dos sistemas autoritários com o capitalismo avançado (neoliberalismo) devem ser lidas a dissecar seus silêncios, seus interditos.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Título original: *The origins of totalitarianism*.

ARISTÓTELES. **A política**. São Paulo: Atena Editora, 1960.

AUSTIN, John L. **How to do things with words**. Cambridge, Harvard University Press, 1962.

AUSTIN, John L. **Philosophical paper**. London, Oxford, New York: Oxford University Press, 1970.

CARDOSO, Vera Alice. A investigação e as reinvenções da democracia. *In*: CUNHA, Eleonora Schettini Martins; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (org.). **Introdução à teoria democrática**: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Editora da UFMG, 2018.

CROUCH, Colin. **Posdemocracia**. Madrid: Taurus, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. Título original: *L'Anti-Oedipe*.

FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**: cours au college de France, 1977-1978, Paris: Hautes Études, Gallimard Seuil, 2004.

GOMES, Wilson. Por que a comunicação é tão importante quando se pensa a democracia? *In*: MENDONÇA, Ricardo; CUNHA, Eleonora Schettini (org.). **Introdução à teoria democrática**: conceitos, histórias, instituições e questões transversais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

GONTIJO, L. de A.; BICALHO, M. F. Psicologia das massas e racismo de estado: o ultraconservadorismo contemporâneo: mass psychology and state racism: contemporary ultraconservatory. **Delictae Revista De Estudos Interdisciplinares Sobre O Delito**, 4(7), p. 236-270, 2019.

HABERMAS, Jünger. **O que é pragmática universal?** Tradução de Paulo Rodrigues, contido na publicação Racionalidade e Comunicação. Lisboa: Edições 70, 1996. Título original Was heisst Universalpragmatik?.

JAKOBS, Günther. **O Direito Penal do inimigo**. Tradução de Gercélia Batista Mendes. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2009.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Tradução de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. Título original: The death of truth.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. Título original: How democracies die.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PACHUKANIS, Evguiéni. **Fascismo**. Tradução de Paula Vaz de Almeida. Editora Boitempo, 2020.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Editora Todavia, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SEARLE, John R., **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Melbourne/NY: Cambridge University Press, 1996.

SEARLE, John R. **Intentionality**: an essay in the philosophy of mind. United Kingdom: Cambridge University Press, 1983.

VÁZQUEZ ORTIZ, Yazmín Bárbara. De Obama a Trump: Estados Unidos y el cambio em la correlación de fuerzas políticas em América Latina, **Cuba Socialista**, n. 7, Enero-abril, Habana: 2018.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editor Victor Civita, 1975. (Os Pensadores) Título original: Philosophische Untersuchungen.